



Humboldt nos jardins de Burle Marx: paisagismo biogeográfico

Breno Aurélio Ribeiro, Carlos Francisco Gerencsez Geraldino

Resumo

Por meio da Biogeografia, este artigo investiga a proximidade entre o conceito de paisagem formulado por Alexander von Humboldt (1769 – 1859) na Geografia Moderna e o paisagismo tropical de Roberto Burle Marx (1909 – 1994) no modernismo brasileiro. O objetivo central foi compreender as conexões científicas e artísticas da paisagem e os pontos conceituais comuns entre ambos. A hipótese baseia-se em aspectos formativos e práticos da trajetória de Burle Marx, como sua infância ligada ao cultivo de plantas, o contato com leituras especializadas, a experiência cultural na República de Weimar e a visita ao Jardim Botânico de Berlim, além de sua formação artística e das expedições botânicas pelos biomas brasileiros. Esses elementos revelam afinidades com o pensamento humboldtiano, indicando a possibilidade de uma correlação conceitual entre os dois autores a partir da Biogeografia e evidenciando a presença dos estudos geográficos na construção de outros campos do conhecimento.

Palavras-chave: Alexander von Humboldt; Burle Marx; paisagem; biogeografia.

Introdução

A paisagem constitui um dos conceitos centrais da Geografia, sendo historicamente elaborada a partir de distintas matrizes epistemológicas. Na passagem do século XVIII ao XIX, Alexander von Humboldt (1769 – 1859) desempenhou papel decisivo ao formular uma concepção de paisagem que articula observação empírica, sensibilidade estética e síntese científica. Essa formulação ultrapassa a descrição morfológica da natureza, ao compreendê-la como expressão visível de relações complexas entre latitude, altitude, clima e ação humana. Sendo um cientista que alcançou feitos que o tornará um dos maiores símbolos da ciência do século XIX, pois sua influência não apenas está no

campo científico, e sim em variados segmentos de estudos da sociedade. Segundo a historiadora Andrea Wulf:

Thomas Jefferson chamou-o de “um dos mais excelentes ornamentos da nossa época”. Charles Darwin escreveu que “nada jamais estimulou de forma tão ardorosa o meu entusiasmo quanto a leitura da *Narrativa pessoal* de Humboldt”, declarando que sem ele não teria embarcado no Beagle, tampouco concebido *A Origem das Espécies*. William Wordsworth e Samuel Taylor Coleridge incorporaram em seus poemas o conceito humboldtiano de natureza. E o escritor mais respeitado dos Estados Unidos, Henry David Thoreau, encontrou nos livros de Humboldt uma resposta para seu dilema sobre como ser um poeta e um naturalista – sem Humboldt, Walden teria sido um livro bem diferente. Simón Bolívar, o revolucionário que libertou a América do Sul do jugo colonial espanhol, chamou Humboldt de o “descobridor do Novo Mundo”, ao passo que Johann Wolfgang von Goethe, o maior poeta alemão de todos os tempos, declarou que passar alguns dias com Humboldt foi como “ter vivido vários anos” (2019, p. 29).

Nota-se que Humboldt, aparece como uma referência em campos variados sendo citado por escritores, cientistas, revolucionários e poetas, isto é, sua contribuição está dentro do campo científico, mas não se limita apenas a ele. Essa diversidade de pessoas que proclamam o nome desse naturalista, segundo Moraes (2002), está atrelada ao fato de que as formulações de Humboldt não apresentam uma única filiação filosófica. Esse detalhe é justificado devido a passagem do século XVIII para o XIX ser um período de grande florescimento de vários campos do conhecimento científico, principalmente dos estudos sobre a natureza, no qual os românticos desse período desenvolveram o conceito de *Naturphilosophie*¹. Desse modo, continua Moraes (2002), a produção humboldtiana é uma clara mostra dessas características, pois há uma diversidade de campos de investigação e uma preocupação sintética, sendo frequentes descrições de campo e reflexões filosóficas de alto nível de abstração. Todas essas características farão parte da ciência de Humboldt e o tornará um nome consagrado. Sabendo-se disso, procuramos, a partir das fontes teóricas, compreender como foi elaborada a ciência artística humboldtiana e como ele desaguou no paisagismo de Burle Marx, pois, segundo o paisagista (1987), Humboldt estaria envolvido nos fatores da completa modificação em relação a construção da paisagem, trazendo no imaginário europeu as plantas tropicais para o cultivo e o uso decorativo.

¹ Esse método, no qual teve como precursores os filósofos do romantismo, entende a *Naturphilosophie* como um estudo integrador entre os fenômenos que compõem a natureza, havendo aí um ideal de unidade. Essa unidade, feita a partir das morfologias que compõem os quadros da natureza, é alcançada a partir do gênio, diante da relação entre a matéria e o espírito (RICOTTA, 2003).

Materiais e métodos

No intento de compreender essas fundamentações biogeográficas de Humboldt e como elas se encaixam nas fontes empíricas que se referem a Burle Marx, exploramos a extensa biografia *A Invenção da Natureza* que fala sobre a vida de Alexander von Humboldt escrito por Andrea Wulf (2019). Essa obra nos apresenta a trajetória de vida do cientista, seguindo seus passos por onde passou e deixou sua marca, pesquisa essa que nos mostra detalhes de sua vida e a sua importância na formulação de outros conhecimentos. Nos debruçamos também sobre a obra *Natureza, Ciência e Estética em Alexander von Humboldt* (RICOTTA, 2003); utilizamos de algumas das formulações escritas por Ferraz (2019) que ressaltam a importância de Goethe para o movimento romântico e a epistemologia da Geografia; o livro *Spix e Martius: Relatórios ao Rei* de Costa e Diener (2018) foi de grande importância para saber quem foi von Martius (nome que é citado com frequência pelo Burle Marx) e como era realizada as travessias que se utilizavam do método humboldtiano em território brasileiro, misturando cientificismo e arte a partir da visão eurocêntrica. Vale ressaltar que as obras literárias *Os Sofrimentos do Jovem Werther* de Goethe (2007) e *Devaneios do Caminhante Solitário* de Rousseau (2017), serviram como complementos e exemplos de obras de artes (aqui no caso literárias) mostrando as formulações do movimento romântico e as emergências que ditavam o rumo da modernidade, pois elas seguem caminhos literários e abstratos, comumente citadas entre as fontes teóricas.

Dessa forma, utilizamos dessa bagagem conceitual para analisarmos se a biogeografia de Humboldt estava presente na concepção de paisagismo do Burle Marx. Para atingir esse objetivo, utilizamos como fonte empírica, o livro *Arte & Paisagem (conferências escolhidas)* organizado por José Tabacow (1987). O objetivo do livro, como afirma Tabacow no prefácio, é mostrar o que mais se repetia nas falas do Burle Marx, uma vez que a intenção é saber o que existia de mais importante para ele em seu fazer artístico. É nessas repetições que percebemos uma série de perguntas que nos levou a hipótese da relação entre a concepção de paisagem em Humboldt no paisagismo de Burle Marx. Além dessa, nos utilizamos da obra *Modernidade Verde: Jardins de Burle Marx* (DOURADO, 2009), já que ela é uma pesquisa integrando Burle Marx na relação com seu tempo histórico; mostrando seu pioneirismo no paisagismo modernista brasileiro; a trajetória do surgimento da atividade paisagística e a forma como ela chegou até Burle Marx. Citamos outros artigos, mas dois que se destacam são *Os personagens principais da trajetória botânica de Burle Marx* (MOREIRA, 2019) e *Arqueologia Botânica dos Jardins de Burle Marx: A Praça de Casa Forte e a Praça Euclides da Cunha* (SILVA, 2012), em ambos temos a afirmação do quanto há uma filiação de Burle Marx com os estudos desenvolvidos por naturalistas, alguns humboldtianos.

Metodologicamente utilizamos das fontes empíricas à luz das fontes teóricas citadas acima para vermos o desenvolvimento do princípio à maturação do paisagismo de Burle Marx, fazendo suas leituras e comparando-as entre si para enxergarmos, da mesma forma que Tabacow (1987) fez com as conferências: o que mais se repetia no paisagismo de Burle Marx. Realizamos a leitura das 11 conferências de Roberto escritas por Tabacow, e nos utilizamos das fontes empíricas para ir além das conferências e entender, nas entrelinhas, o que Burle Marx estava dizendo com suas conferências, uma vez que ele não produzia artigos científicos. Assim sendo, comparamos as fontes teóricas que dimensionam a construção do conceito de paisagem e da ciência em Humboldt com as fontes empíricas.

Humboldt e Burle Marx: proximidades paisagísticas

Como se deu a presença da concepção de paisagem desenvolvida por Humboldt no paisagismo de Burle Marx? Tal pergunta foi motivada pelas leituras das conferências de Burle Marx selecionadas por Tabacow (1987). Segundo este autor, a organização dessas conferências teve o objetivo de mostrar o que mais se repetia nas falas de Roberto sobre o que é fazer paisagismo. Dentro das repetições, percebemos o quanto havia ali uma possibilidade de que Burle Marx teve um contato com a forma de entender a paisagem desenvolvida por Humboldt: a infância incentivada a sementeira de plantas e leituras da revista de jardinagem alemã *Gartenschönheit*; a temporada passada na República de Weimar com sua efervescência cultural, em 1929, juntamente com a visita e realização de curso de pintura no Jardim Botânico de Berlim. Logo quando voltou de viagem entrou na Escola Nacional de Belas Artes no Rio de Janeiro, resultando em um estudo aprofundado sobre a história do paisagismo e das artes. Soma-se a isso abundantes citações a viajantes naturalistas humboldtianos nas fontes empíricas e seu fazer artístico por meio das expedições botânicas nos biomas brasileiros que, posteriormente, originar-se-á em seus projetos paisagísticos.

Como dito, um dos detalhes que mais lhe chamam atenção e desperta o seu interesse estético que já estava sendo amadurecido desde cedo em relação às plantas, é a visita ao Jardim Botânico de Dahlem em Berlim; em suas palavras:

Em 1928, realizei uma viagem de estudos à Alemanha, onde tornei-me frequentador assíduo do Jardim Botânico de Dahlem, cujas coleções de plantas agrupadas segundo critérios geográficos eram, para mim, vivas lições de botânica e ecologia. Foi aí que pude apreciar, de forma sistematizada, muitos exemplares da flora típica do Brasil. Eram espécies belíssimas e quase nunca aqui utilizadas nos jardins. O fato me marcou profundamente e, ao regressar, dispus-me a defender, por todos os meios que encontrasse, a nossa flora (MARX, 1987, p. 47).

Esse detalhe é de grande importância para compreendermos o paisagismo de Burle Marx, pois, ele se surpreende com a quantidade de plantas brasileiras nas estufas do Jardim Botânico de Dahlem em Berlim, a maioria inéditas para ele; muitas delas não eram utilizadas nos modelos de paisagismo em vigor no Brasil, enquanto que fora do país a vegetação tropical era visto como algo exótico, contemplativo e científico. Após essa revelação na visita ao jardim botânico, ele ressalta a forma como estão organizadas a coleção de plantas do local em agrupamentos segundo critérios geográficos organizados pelo botânico Heinrich Gustav Adolf Engler (SILVA, 2012). Isso irá inspirar Burle Marx em seus futuros projetos:

[...] quando me pergunta onde eu teria percebido as qualidades estéticas dos elementos nativos da flora brasileira, onde tomei a decisão de construir, com a flora autóctone, toda uma ordem de nova composição plástica, para o desenho, para a pintura, e até atingir a paisagem e o jardim, que fazem a parte mais conhecida de minha criação, sinceramente respondo que foi como estudante de pintura, diante de uma estufa de plantas tropicais brasileiras, no Jardim Botânico de Berlim. Sim, foi ali e então que vi a força da natureza genuína tropical, pronta e em minhas mãos, para a intenção que trazia, então pouco definida, como matéria adequada para a obra plástica que procurava (MARX, 1987, p.18).

A citação retirada das conferências de Burle Marx, mostra a força que teve o Jardim Botânico na produção artística e estudo da vegetação tropical por parte de Roberto. Segundo Dourado (2009), esse despertar para a natureza brasileira, como em outros modernos brasileiros, foi estimulada longe do país, ou seja, a biogeografia das plantas tropicais era compreendida fora do seu território de origem, o que era de cá pertencia ao naturalismo de lugares longínquos.

Durante a década de 1930, após a sua volta da Alemanha, Burle Marx estava decidido a explorar as potencialidades ornamentais da flora brasileira e tropical. Realizou diversas parcerias com botânicos para aumentar seu repertório e conhecimento sobre a vegetação. As expedições eram de grande importância para a coleta de vegetação nativa, pois, como já mencionado, as espécies exóticas eram dominantes no cenário paisagístico nacional, então “era mais fácil e corriqueiro obter espécies exóticas no comércio de ornamentais que as próprias nativas” (DOURADO, 2009, p. 60). Para conseguir ter um acesso amplo às mais variadas plantas presentes nos biomas brasileiros teriam que ir até seu habitat e conhecer os nichos de cada uma.

Burle Marx, em momento algum, classifica-se como um cientista ou botânico, porém sempre foi devoto aos estudos vegetativos voltados ao paisagismo e isso será um diferencial em seu trabalho: “Essa dimensão científica de atentar para as questões botânicas e ambientais [...] passaria a ser um

dos traços definidores de sua produção” (DOURADO, 2009, p.59). Ou seja, o objetivo inicial era realizar viagens territoriais em variados biomas brasileiros para compreender e coletar a flora in loco e, a partir disso, conseguir realizar os estudos e os projetos. Essas expedições são frequentemente ditas e descritivas no livro *Roberto Burle Marx: Arte & Paisagem, conferências escolhidas*. São relatos detalhados e poéticos da paisagem brasileira juntamente com uma compreensão científica da vegetação conforme os aprendizados adquiridos em campo e com os estudiosos ao longo de sua vida. A questão científica está mais ligada às parcerias que Burle Marx realizava com os botânicos e suas leituras de naturalistas que realizaram expedições em regiões tropicais, como ele afirma “[...] devo muito aos botânicos com quem tive a felicidade de realizar viagens. Aprendi com eles a percorrer nosso território, aberto às belezas que, a cada passo, se oferecem aos que quem vê-las” (MARX, 1987, p. 49). Na conferência Recursos Paisagísticos do Brasil, realizada em 1976, Burle Marx enumera algumas das áreas que teve oportunidade de conhecer e que foram importantes nos seus trabalhos paisagísticos, logo abaixo temos um mapa (figura 1) mostrando essas localizações:

Figura 1 - Mapa das regiões visitadas por Burle Marx



Fonte: autoria própria

No mapa acima temos a divisão do território brasileiro em 6 biomas com suas devidas cores representadas na legenda: Pampas, Mata Atlântica, Cerrado, Caatinga, Pantanal e Amazônia. Nesses biomas, temos pequenos círculos vermelhos numerados em ordem crescente mostrando as localizações que Burle Marx mencionou já ter visitado até a presente data da conferência mencionada no título do mapa. Vale ressaltar, que não foram somente esses locais que foram realizadas as expedições botânicas de Burle Marx, alguns até não foram mencionados porque nos utilizamos de uma determinada parte da fonte empírica citada para ilustrar um pouco o seu conhecimento dos ecossistemas brasileiros e descrições da paisagem. Em algumas regiões numeradas, ele nos apresenta percepções de sua visão da paisagem juntamente com o trabalho empírico botânico.

Quero dizer-lhes algo sobre a atração violenta que sinto pelas viagens em busca de novas plantas. É como se a floresta estivesse a oferecer um tesouro, que existe apenas para aquele que o busca. Cada dia que passa, mais sinto o quanto é breve a minha vida para conhecer e explorar todos os tesouros da flora brasileira (MARX apud SIQUEIRA et al, 2004, p. 18).

É visível que o trabalho de campo era imprescindível para Burle Marx, se assemelhava a uma “atração violenta” a viagens com características expedicionárias que o levava a uma percepção apurada dos biomas brasileiros. Sendo essa “atração violenta por viagens” muito semelhante ao ímpeto presente nos naturalistas que adentraram o território brasileiro que irá permear as viagens em busca do conhecimento sobre a flora nacional. Conhecer a flora é um deleitar-se na paisagem que se mistura com a ciência e a arte.

Quando nos aprofundamos mais na pesquisa, na leitura da obra *Modernidade verde: Jardins de Burle Marx* (2009), vimos que a matéria paisagística está dentro da história da arte e da ciência naturalística. Nesse caso, é quase leitura obrigatória, por parte daqueles que têm interesse nesses conhecimentos, ler os românticos do final do século XVIII e XIX, e todo o desenvolvimento da ciência estabelecida nas relações entre o estudo da biogeografia do Novo Mundo e dos países centrais da Europa. Quando fizemos essa leitura, ficou notável o quanto que a produção de Humboldt foi importante na concepção de paisagem e, posteriormente, no uso dela para o paisagismo. As rotas percorridas por Burle Marx em diversas regiões brasileiras em busca de estudar a flora tropical brasileira e seu potencial paisagístico e seu “desejo violento por viajar” é um exemplo notável da proximidade da concepção de paisagem em Humboldt, pois o mesmo foi uma figura central por popularizar o “Novo Mundo” através de suas publicações: *Ensaio sobre a geografia das plantas, Quadros da Natureza, Viagens às regiões equinociais do Novo Continente e Cosmos* (WULF, 2019). Tais publicações seguem a cartilha do cientificismo-artístico e se tornam

referenciais para naturalista que visitarão o Novo Continente (RICCOTA, 2003); para complementar, organizamos um quadro (*figura 2*) que apresentam os nomes de naturalistas, geógrafos, botânicos, pintores e artistas citados por Burle Marx durante suas conferências, todos de grande importância na sua conceituação paisagística, já que muitos deles faziam parte do imaginário construído pela ciência de Humboldt no século XIX.

Figura 2 – Quadro com alguns dos cientistas da natureza, geógrafos e pintores de paisagem citados nas conferências de Burle Marx

1. Adolpho Ducke (1876 – 1959)	12. Humboldt (1769 – 1859)
2. Alexandre Rodrigues Ferreira (1756 – 1815)	13. Langsdorff (1774 – 1852)
3. Adolf Engler (1844 – 1930)	14. Loefgren (1854 – 1918)
4. Aziz Ab’Sáber (1924 – 2012)	15. Martius (1794 – 1868)
5. Eckhout (1610 – 1665)	16. Mello Barreto (1892 – 1962)
6. Frans Post (1612 – 1680)	17. Saint-Hilaire (1779 – 1853)
7. George Gardner (1810 – 1849)	18. Spix (1781 – 1826)
8. Gaspar Barléus (1584 – 1648)	19. Sellow (1789 – 1831)
9. Glaziou (1828 – 1906)	20. Frei Vellozo (1742 – 1811)
10. Georg Marcgraf (1610 – 1644)	21. Wied-Neuwied (1782 – 1867)
11. Guilherme Piso (1611 – 1678)	22. Zacharias Wagener (1614 – 1668)

Fonte: autoria própria

No quadro acima, alguns nomes se destacam quando Burle Marx explora em suas conferências a história do paisagismo no Brasil e os estudos sobre os biomas de nosso território. Evocando o nome de von Martius como um poeta naturalista que se utilizou do classicismo grego para definir os biomas brasileiros e, além dele, nomes como o de Saint-Hilaire, Gardner e Wied-Neuwied e Humboldt que se impressionaram com a biodiversidade das regiões intertropicais. Esses naturalistas foram importantes na formulação de uma literatura sobre os trópicos, sendo referências na formação e fundamentação do paisagismo de Burle Marx:

A mim sempre repugnou o que, para outras pessoas, constitui prazer: ter plantas artificiais, mortas, apenas a imagem da planta. E ficam contentes em enganar a si próprios e aos outros. Rebelo-me contra modelos plásticos de plantas, que são expressões de mau gosto, da “mass production”. Como vejo diferente esse espírito, do

de um Von Martius, homem de cultura humanística, que, chegando ao Brasil, apaixonou-se por sua exuberante natureza e, num misto de ciência e poesia, dividiu-o em regiões fitogeográficas, individualizadas pelos nomes de divindades gregas, Náiades, Oréades, Hamadríades. Era homem de fina sensibilidade, que aliviava às melhores noções ecológicas de sua época um forte sentimento artístico, que bem pode ser avaliado pela sua descrição do amanhecer num dos lagos do Pará ou a de uma tempestade tropical no coração da floresta amazônica. (MARX, 1987, p. 24).

Há outras diversas citações sobre Martius e cientistas da natureza feitas por Burle Marx que revelam sua aproximação de uma visão artística e científica, mas o que pretendemos afirmar com isso, é que os cientistas da natureza possuíam um grau de influência no Burle Marx na formulação de seu paisagismo. A partir dessas influências mais ligada ao naturalismo que Burle Marx aproxima de seu projeto paisagístico as expedições botânicas pelo Brasil, o objetivo era ressignificar o que era de domínio europeu, usando-se dos conhecimentos fitogeográficos para produzir uma estética tropical.

Todo esse trabalho paisagístico de Burle Marx resultará na criação do seu *Sítio Antônio da Bica*, espécimes coletados durante a viagens ou em diálogos com botânicos serão transferidas para o sítio que irá se assemelhar a um laboratório de estudo sobre a paisagem tropical e de grande diversidade. Isso só foi possível, pois ele formava equipes de estudiosos das ciências naturais e realizava suas viagens ou estudos com todas as técnicas e avanços da ciência de sua época sobre a biogeografia. Esses estudiosos, durante a metade do século XX, citavam muito mais uma explicação biogeográfica evolucionista das espécies, ressaltando não somente o elemento climático como determinador das formas; as espécies estavam em associações também, alterando durante a evolução de suas espécies as formas. Burle Marx, sabia desses detalhes e nunca defendeu que era um cientista, mas entendia a importância da evolução na composição da paisagem fisionômica. Sendo assim, aqui a influência de Humboldt tem um limite claro, mas que se define muito mais devido aos avanços científicos no campo da ciência biogeográfica, pois Darwin também era um devoto entusiasta do que Humboldt produziu para a ciência e o tinha como ídolo (WULF, 2019).

Considerações finais

Após a travessia, retomamos a pergunta: “há uma convergência entre a paisagem de Humboldt e o paisagismo de Burle Marx?” Concluimos que sim, mas existem limites claros nessa convergência. Quando falamos dos limites, precisamos ressaltar que estamos falando de dois indivíduos que tinham objetivos completamente diferentes e que estavam em contextos que exigiam deles outras posturas. Humboldt é um cientista que abriu margem para os estudos da ciência com a arte, a partir

do potencial criativo que a natureza nos revela. Dentro disso, ele atravessou diversos países com seus equipamentos técnicos de medição para mostrar o holístico, as comparações e as diferenças que haviam nos quadros de natureza.

Todavia, por estarem alinhados nos estudos sobre a paisagem e a natureza, há convergências. Burle Marx quando pisou no Jardim Botânico de Berlim e viu a flora tropical brasileira ali exposta, mostra o quanto o trabalho de Humboldt atravessou gerações e estava ali bem na frente dele. Além disso, como estudioso da arte, pintura, estética, biogeografia etc. Burle Marx cita em suas conferências o quanto a ciência naturalística, citando Humboldt e outros naturalistas, foi importante na concepção de paisagem no século XIX. Não há como estudar a história do paisagismo sem passar por esse período e mostrar a importância que o método de Humboldt teve. Tal método estará nas dezenas de estudiosos que Burle Marx cita ao longo da sua vida, principalmente von Martius, um nome que se repete bastante nas falas dele. Entretanto, Burle Marx não se considerava um cientista, apesar de mostrar conhecimento sobre o que havia de mais avançado nos estudos da biogeografia em seu tempo, principalmente o papel do evolucionismo nas espécies, no qual Humboldt associava mais a fatores abiótico do que bióticos. Mas o que importava para Burle Marx eram as possibilidades artísticas, educação ambiental e o potencial que a natureza tropical poderia dar para enxergarmos a importância das riquezas naturais que havia aqui. Importância essa que está ligada a pouco representativa da flora brasileira em nosso cotidiano, tão dependente do que era estrangeiro, e Humboldt está dentro do que é estrangeiro mesmo que seu interesse seja holístico.

Fica claro que há convergências entre a concepção de paisagem em Humboldt no paisagismo de Burle Marx, porque ele é um estudioso notável em todos os campos que se debruçava e no que mais interessava a ele enquanto projeto de vida: a natureza e a flora tropical. Fazer trabalhos de campo enquanto lembra da travessia realizada por von Martius, buscar as sensações variadas que a natureza produz na gente, fazer descrições como se a paisagem fosse um quadro paisagístico captado por um olhar treinado, organizar uma equipe técnica que o auxilie sobre os estudos biogeográficos, fazer pinturas da natureza com muito rigor e cuidado e sempre levar em conta os avanços científicos da época, é uma forma de se fazer ciência e arte que está notavelmente em Humboldt. Porém, como dito, Burle Marx tinha objetivos ligados ao seu tempo histórico: a crítica ao enraizamento colonial na sociedade e política brasileira, trazer a flora tropical como uma representação importante de nosso país, a modernidade enquanto movimento artístico brasileiro que buscava uma identidade e rompimentos com a tradição, a luta pela preservação ambiental no país e valorização da nossa ciência. Isso deixa claro que a paisagem de Humboldt é apenas uma pequena parte do que foi o trabalho desenvolvido por Burle Marx, trabalho este que envolve tantos nomes

que seria prepotente da nossa parte dizer que Humboldt foi o principal inspirador deste projeto de vida.

Acima da relação que há entre Humboldt e Burle Marx, percebemos o quanto a Geografia é uma ciência que faz parte das mudanças na história da arte, estética, paisagem e paisagismo. Estudar a natureza e seus quadros, é entender a biogeografia, morfologias, clima, associações, comparações e sociedade. Elementos esses que fazem parte da ciência geográfica. Compreender isso é ver as possibilidades didáticas, conceituais e pedagógicas que se pode fazer com a ciência e a arte. Por isso, esse artigo ainda é um ponto inicial dentro das possibilidades do que há de biogeografia no paisagismo. Trabalhamos com uma série de conceitos que não se esgotam e poderiam render excelentes pesquisas que relacionam biogeografia com paisagismo.

Por fim, nesse artigo, utilizamos os conceitos promulgados pelos românticos, o método humboldtiano e sua importância para a Geografia Moderna dentro do paisagismo de Burle Marx. Concluímos que Humboldt não pisou nos jardins de Burle Marx, mas suas concepções atravessaram gerações e caminharam por lá. Concepções essas que podemos utilizar para ressignificar o que somos, para entender a geografia do presente e as relações entre o que era chamado o “Novo Mundo” e “Velho Mundo”. Percorrer isso é saber o potencial que existe na geografia para novos saberes críticos e caminhos para a nossa sociedade.

Referências bibliográficas

COSTA, Maria de Fátima; DIENER, Pablo. **Spix e Martius: Relatórios ao Rei**. 1. ed. Rio de Janeiro: Editora Capivara, 2018.

DOURADO, G. O. M. **Modernidade Verde: Jardins de Burle Marx**. São Paulo: Edusp: Senac, 2009.

FERRAZ, M. **Contribuições do método morfológico e da estética de Johann Wolfgang Goethe para a epistemologia da geografia**. 2019. 281p. Tese (doutorado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Geociências e The Nature Institute, Campinas, SP.

GOETHE, J. W. **Os Sofrimentos do Jovem Werther**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

MARX, Roberto Burle; TABACOW, José. (org). **Arte & Paisagem: conferências escolhidas**. 2. ed. São Paulo: Studio Nobel, 2004.

MORAES, Antônio Carlos Robert. A Geografia Física de Humboldt. In: MORAES, Antônio. **A Gênese da Geografia Moderna**. Hucitec: Annablume, 2002.

MOREIRA, R. R. P. S. Os personagens principais da trajetória botânica de Burle Marx. **Revista Espaço Acadêmico**, v. 18, n. 213, p. 05-14, 6 fev. 2019.

RICOTTA, L. **Natureza, Ciência e Estética em Alexander von Humboldt**. Rio de Janeiro: Mauad, 2003.

ROUSSEAU, J. J. **Os Devaneios do Caminhante Solitário**. São Paulo: Edipro, 2017.

SILVA, Joelmir. **Arqueologia Botânica dos Jardins de Burle Marx: A Praça de Casa Forte e a Praça Euclides da Cunha**. 125 f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Urbano, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2012.

TABACOW, J. (org.). **Roberto Burle Marx: Arte & Paisagem (conferências escolhidas)**. São Paulo: Nobel, 1987.

_____. **Conceitos de Composição em Paisagismo (1954)**. In: TABACOW, José. Roberto Burle Marx: Conferências escolhidas. São Paulo: Nobel, 1987. p. 11-20.

_____. **Projetos de paisagismo de grandes áreas (1962)**. In: TABACOW, José. Roberto Burle Marx: Conferências escolhidas. São Paulo: Nobel, 1987. p. 21-26.

_____. **Jardim e Ecologia (1967)**. In: TABACOW, José. Roberto Burle Marx: Conferências escolhidas. São Paulo: Nobel, 1987. p. 37-46.

_____. **Paisagismo e Flora Brasileira (1975)**. In: TABACOW, José. Roberto Burle Marx: Conferências escolhidas. São Paulo: Nobel, 1987. p. 47-54.

_____. **Recursos paisagísticos do Brasil (1976)**. In: TABACOW, José. Roberto Burle Marx: Conferências escolhidas. São Paulo: Nobel, 1987. p. 55-64.

WULF, A. **A Invenção da Natureza: A vida e as descobertas de Alexander von Humboldt**. 2. ed. São Paulo: Planeta do Brasil, 2019.

Autores:

Breno Aurélio Ribeiro

Atualmente, professor efetivo do Ensino Fundamental II e Médio de Geografia na Secretaria Municipal de Educação de São Paulo e estudante de Especialização em Ensino de Geografia pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo (IFSP). Licenciado em Geografia, também pelo IFSP. Possui ensino técnico em Administração pela ETEC Prof. Adhemar Batista Heméritas. Pesquisador no Laboratório de Pesquisa em Biogeografia (Bio.Geo.Lab.IFSP) vinculado ao CNPq.

Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8868343550051354>

Carlos Francisco Gerencsez Geraldino

Possui graduação em Geografia e especialização em História e Filosofia da Ciência pela Universidade Estadual de Londrina, mestrado em Geografia Humana pela Universidade de São Paulo e doutorado em Geografia pela Universidade Estadual de Campinas. Atualmente é professor do Instituto Federal de São Paulo, campus São Paulo, onde leciona nas licenciaturas em Geografia, Ciências Biológicas e Física, e coordena o Laboratório de Pesquisa em Biogeografia (Bio.Geo.Lab.IFSP).

Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4755786542569403>